

A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA FORMAÇÃO E SEXUALIDADE INFANTIL: PRIMEIRAS REFLEXÕES

Adriane Mildenberg (Pedagogia/UEPG)
Keila Hecke (Pedagogia/UEPG)
Kelly Cristina Ducatti-Silva (Orientadora/UEPG)
Renata de Almeida Vieira (Orientadora/UEPG)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo encaminhar as primeiras reflexões acerca da influência exercida pela mídia, especialmente a TV, sobre as crianças. A partir de uma pesquisa bibliográfica, procura-se investigar: qual o papel dos pais e dos professores frente ao desenvolvimento da sexualidade das crianças? Dentre outros elementos a respeito desse papel, destaca-se que cabe à escola, com sua capacidade formativa, a atividade de orientações junto à família no sentido de selecionar programas adequados à faixa etária da criança. Em relação à família, a esta cabe organizar a rotina dos filhos, selecionar e escolher os conteúdos destinados à criança, bem como acompanhar o cumprimento da rotina e seleção estabelecidas. Por fim, considera-se que o maior desafio que se põe aos pais e educadores é promover uma educação sexual que rompa com a ignorância acerca do assunto, mas que ao mesmo tempo preserve a candura infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Mídia (TV). Sexualidade.

Primeiras reflexões sobre as influências da televisão na formação da criança

Entendemos que atualmente um dos desafios para educadores e pais é colocar em prática uma proposta de educação para as mídias, pois a TV e, principalmente, a internet, tem despertado muito mais o interesse e a atenção dos alunos do que a escola.

Conforme Moran (2007), a TV fala da vida, do presente, dos problemas afetivos de forma impactante e sedutora. Num outro patamar está a fala da escola, considerada pelo aluno muito distante e intelectualizada, em geral, é mais cansativa. A escola, nesse sentido, acaba não fazendo ligação entre os conteúdos disseminados pelas mídias e aqueles provenientes do currículo escolar. Em sala de aula, pouco se comenta sobre a realidade vivenciada fora dos muros da escola, recebendo enfoque principal conteúdos considerados pelos alunos como maçantes, pois não lhes despertam o interesse suficiente, se comparados aos assuntos midiáticos, especialmente, os da TV.

Ignorar a influência da TV sobre os alunos, não é o caso, a situação requer criatividade do professor para que os assuntos de maior repercussão veiculados pela TV façam elos com os conteúdos curriculares. Nessa perspectiva, a tomada de consciência do professor sobre os fatos torna-se imprescindível. Frente às possíveis dúvidas dos alunos ou



dos momentos que contam sobre o que foi visto na TV, o professor pode aproveitar a situação para informar e formar ao consolidar um espaço para discussão sobre os assuntos veiculados por este tipo de mídia. Com isso, a TV pode ser considerada uma aliada do professor no papel educar, quando este tem clareza sobre a sua importância na vida das pessoas e dos cuidados a serem tomados em relação a ela.

As escolas muitas vezes têm consciência desta influência na educação e no comportamento das crianças, mas suas práticas não chegam a ser modificadas. É papel da escola, através da equipe pedagógica, conversar com os pais, orientando-os na seleção de programas para seus filhos, mostrando-lhes a influência que estes têm no desenvolvimento psicológico, bem como nas emoções, sonhos e desejos das crianças.

A audiência infantil de programas inapropriados poderia diminuir se os próprios pais abrissem mão de assistir a estes. Ou ficassem atentos aos conteúdos exibidos, verificando se eles são apropriados ou não para seus filhos. Mas, para que isso aconteça, é necessário a conscientização dos pais, o que poderia receber a contribuição da escola. É importante um diálogo entre escola e família, assim como a parceria dessas instituições para uma discussão aberta, sensata e coerente, com o objetivo de promover um contexto saudável e produtivo à criança.

Outra questão que destacamos refere-se aos interesses econômicos envolvidos no papel exercido pela mídia. Segundo Bolaño (1996), com a expansão dos recursos da mídia, temos as relações capitalistas que se fortalecem cada vez mais, sobretudo com a globalização econômica, política e cultural industrial. Para Moraes (1998), o domínio da informação e das tecnologias da informação torna-se fonte de alimentação de toda uma engrenagem com fortes interesses econômicos, políticos e também cultural.

No que se refere ao aspecto cultural, que também é intimamente influenciado, destacamos que as culturas locais vêm sendo fortemente influenciadas. Costuma-se adotar estilos de comportamento, consumo, gostos e preferências da cultura dominante. Aqui, estamos falando da mediação da cultura. Thompson (1995) entende por mediação da cultura, o processo histórico do rápido crescimento e da proliferação de instituições e meios de comunicação de massa nas sociedades ocidentais, que, por intermédio de suas redes de transmissão, tornaram formas simbólicas mercantilizadas acessíveis a um grupo cada vez mais adeptos às promessas irreais.

Parece ser papel da mídia, transmitir padrões ilusórios de vida, mostrando uma realidade que muitas vezes só existe nas imagens e não fazem parte do cotidiano, da vida

das pessoas. Trata-se da massificação cultural. Todos devem atender a determinado padrão, ter os mesmos gostos, os mesmos objetivos, os mesmos valores, sem necessidade de escolha, pois já existe uma ordem pré-estabelecida, sem necessidade de pensar, de usar o espírito crítico, de discordar, de ser diferente, pois o “normal” é ser igual, fazer parte do grupo, ser aceito. É como se não existisse mais uma identidade.

Conforme Woodward (2000, p. 14), “a identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades (...) [ela] está vinculada também a condições *sociais e materiais*”.

Na sociedade brasileira, em que predomina a “modernidade periférica”, a mídia tem um papel determinante na vida social e no cotidiano da população.

No que se refere às questões da sexualidade, a influência da mídia também é marcante. Devido ao bombardeio de programas com conteúdos eróticos a criança acaba sendo exposta, inadequadamente, ao sexo e com isso tem sua sexualidade aflorada precocemente. A situação implica na perda de interesse por brincadeiras infantis importantes para o desenvolvimento humano, inclusive, no que diz respeito à compreensão da sexualidade. Sobre isso, ressaltam-se os estudos de Freud, 1905 (*apud* KUPFER, 2004) acerca da descrição dos estágios de desenvolvimento da sexualidade de acordo com períodos etários, demonstrando que um bom desenvolvimento dessas fases significa aderir a um modelo afetivo saudável no futuro.

Sobre a influência da mídia no desenvolvimento da sexualidade

É possível observar no cotidiano familiar e escolar eventos em que as crianças pequenas fazem uso de maquiagem e indumentos, cujos modelos têm como referência a pessoa adulta. Além disso, imitam casais apaixonados e criam cenas diversas com um repertório semelhante ao utilizado nos romances de filmes e novelas. Não raro, podemos escutar de uma criança com apenas 5 anos de idade que ela tem namorado e que já o beijou na boca. O fato é que as crianças estão desenvolvendo sua sexualidade cada vez mais cedo, por influência de vários meios, entre eles destacamos a mídia. Esta, segundo Moreira & Zicman (1994), citado por Moreira (2003, p. 1210):

[...] por intermédio do papel preponderante dos conglomerados da comunicação, informação e entretenimento, acirrou a crise das instituições tradicionais

produtoras de sentido (escola, família, religiões, Estado, culturas locais) e facilitou a constituição de novas instâncias geradoras e difusoras de sentido.

O que tem predominado na TV são programas fundamentados em falsos valores, que visam audiência e lucro de grandes empresários. Nos filmes e desenhos, por exemplo, é sempre através da violência que se resolve os problemas, há sempre a figura do forte e do fraco, do vencedor e do derrotado, do bem e do mal. Ao ficarem expostas por muito tempo à TV, as crianças acabam acreditando que o mundo que elas vêem na tela é o mundo real e que é assim que se deve agir.

Muitos programas têm uma contribuição negativa no desenvolvimento das crianças, que ficam expostas à TV por horas a fio na maior parte do tempo sozinhas. Para muitos pais o equipamento eletrônico substitui a presença de uma “babá”. Por trabalharem fora eles deixam, cada vez mais, seus filhos serem educados pelos programas da mídia, contrariando o que orienta o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), isto é, toda criança precisa de um adulto responsável por ela.

É preciso, portanto, dar mais atenção a respeito dos conteúdos exibidos nestas programações assistidas pelas crianças, observando a classificação etária dos mesmos. Cenas contendo violência ou erotismo tornaram-se comuns nos programas assistidos pelo público infantil. Uma das consequências têm sido a antecipação e aceleração de algumas vivências e comportamentos por parte das crianças.

O que as crianças assistem torna-se, muitas vezes, exemplo a ser seguido. Se muitos adultos são influenciados pela moda mostrada na TV, ou desejam muitas vezes parecer com alguma celebridade, o que dizer então de uma criança? Para Bandura (*apud* BERRY, 1994) as crianças em geral, aprendem comportamentos sociais através da observação e imitação de modelos significativos, ou chamativos, para ela.

A imitação de situações do cotidiano e comportamentos sociais podem ser observados em especial nas brincadeiras das crianças. De acordo com Paulista (2006, p. 166), “toda brincadeira é [...] uma expressão de si e um aspecto das relações sociais, [...] uma atividade carregada de significados e que acompanha as fases do desenvolvimento infantil, compreendendo a relação entre infância e personalidade”.

O problema é que, conforme destaca Susan Linn (*apud* FERREIRA, 2008), uma criança em fase de desenvolvimento não tem capacidade de distinguir ainda o que é certo ou errado. Nesse sentido, a criança ao assistir cenas eróticas adultas, pode ter despertada

sua curiosidade e até o desejo de fazer igual, incorporando a situação vista como se já fizesse parte da sua realidade.

Primeiras reflexões sobre o papel da família e da escola diante da influência da mídia na sexualidade infantil

Vivemos em um momento de rápidas mudanças tanto de valores e comportamentos, como de configuração de instituições sociais consagradas como, por exemplo, a família. Esta instituição vem sendo fortemente influenciada e modificada. A respeito dessas mudanças, Almeida Jr (2001, p. 50) destaca:

Considere que pela primeira vez na história humana as crianças nascem em casas nas quais a televisão fica ligada uma média de 7 horas por dia. E que pela primeira vez a maioria das histórias não é contada pelos pais, nem pela escola, nem pela igreja, nem pela tribo ou comunidade e, em muitos lugares, nem mesmo pelo país de origem, mas por um grupo relativamente pequeno de conglomerados empresariais que possuem algo para vender.

Desde muito cedo as crianças têm sofrido influência da TV, seja por meio de programas infantis, seja pelos desenhos animados, que transmitem violência camuflando estar “do lado do bem”. A TV traz tudo pronto, tudo muito rápido, não estimulando a criança em seu pensar, pois já está dito, já está pensado, bastando incorporar.

Um exemplo é a moda infantil, cujas marcas vão se impregnando na mente da criança. Igualmente as linguagens, gírias, jargões, questões de relacionamento, gênero, sexualidade. Na realidade, a criança tem sua formação induzida e direcionada pela TV. Trata-se de alvo “fácil”, já que é um ser humano em formação, não apresentando condições de decidir pelo certo e errado, pois ainda não tem conhecimentos suficientes para fazer suas escolhas. Portanto, tudo aquilo que for absorvido por ela contribuirá para formação de sua personalidade.

Sobre o papel da família, diante desse cenário, como instituição primária, é preciso que esta esteja atenta a que tipo de programas a criança tem acesso, quanto tempo permanece na frente da TV. A longa permanência em frente à TV pode significar, muitas vezes, desperdício da infância, privação de brincadeiras, além de ser privada da socialização com outras crianças, do criar seus próprios brinquedos, de ter suas próprias preferências, ideias e valores. Ao invés de criar a criança passa a imitar a vida de outros,

sendo induzida a imposições ditadas pela mídia, adquirindo precocemente comportamentos que deveriam ser de pessoas adultas.

Sobre o papel da escola, esta precisa discutir essas questões com as famílias, com os pais e investir em um trabalho consistente nesse sentido, para que as informações recebidas pelas crianças sejam trabalhadas a ponto de deixarem de ser indutoras de comportamentos que rompem com a candura da infância.

Entendemos que a escola por meio de intervenções pedagógicas sistematizadas se configura como um espaço privilegiado à discussão, à orientação e ao diálogo acerca da apresentação de conteúdos inadequados às crianças pequenas.

No entanto, entendemos também que para se efetivar como um espaço de fato privilegiado à orientação, a escola precisa criar espaços para discussões a respeito da educação sexual, seja com os professores, seja com os alunos, erradicando o temor e a repressão ainda existente acerca da temática. Para isso acontecer faz-se necessária uma adequada formação dos professores, tanto inicial quanto continuada, já que estes trabalham de modo direto com as crianças e com suas demandas.

Considerações

Diante das questões expostas é importante destacar que não entendemos a mídia como inimiga, mas sim como aliada para o trabalho educativo. Para isso, é preciso mostrar o lado positivo e negativo daquilo que ela veicula, levando a própria criança a desenvolver uma percepção crítica, questionando aquilo que ouve e vê, adequando à sua realidade, trazendo para seu cotidiano e não simplesmente incorporando preconceitos, estereótipos e comportamentos fabricados.

Nesse sentido, é de extrema importância o diálogo franco no que diz respeito a cenas de erotismo, de pornografia. Não é possível banir a televisão e suas programações inadequadas do cotidiano, mas é esperado que a escola, instituição social responsável pelo atendimento das crianças, crie parceria junto às famílias na perspectiva de um repensar sobre o que é apropriado e inapropriado ao bom desenvolvimento da infância. Assim, ao respeitar as fases de desenvolvimento da criança é possível que ela construa um conceito saudável de sexualidade, livre de tabus e sem qualquer tensão que possa comprometer sua relação com o outro.

Referências

- ALMEIDA JR., A. R. **Espelho eletrônico**. *Cadernos do IFAN*, Bragança Paulista, n. 28, p. 49-72, 2001.
- BERRY, T. B. **Momentos Decisivos do Desenvolvimento Infantil**. São Paulo – SP: Martins Fontes, 1994.
- BOLAÑO, C. R. S. **Economia, política, globalização e comunicação**. *Revista Novos Rumos*, São Paulo, v. 11, n. 25, p. 15-23, 1996
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 17 de março de 2011.
- FERREIRA, P. L. **A Influência da TV no Comportamento Infantil: A recepção dos conteúdos audiovisuais por crianças de 06 a 10 anos de idade**. 2008. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com>>. Acesso em: 15 de março de 2011.
- KUPFER, M. C. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. 1.ed. São Paulo: Scipione, 2004.
- MORAES, D. **Planeta mídia: Tendências da Comunicação na Era Global**. Campo Grande: Letra Livre, 1998.
- MORAN, J. M. **As Mídias na Educação**. 2007. Disponível em: http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm. Acesso em: 10 de março de 2011.
- MOREIRA, S. A. **Cultura Midiática e Educação Infantil**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1203-1235, dezembro 2003.
- PAULISTA, M. I. **Brincadeira de Papéis Sociais na Educação Infantil: as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin**. São Paulo: Xamã, 2006.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.